



## A vida do Morais

Dizem que o vocábulo “gaúcho”, por mais de um século, teve caráter pejorativo. E continuaria tendo se dependesse de Vicente Morais, um guasca. Aliás, “guasca” designava os campeiros rio-grandenses como resultante da idade do couro. Este nunca teve sentido pejorativo, mas, dizem os estudiosos, como Antônio Fagundes e Reverbel, também não primavam pela finura e delicadeza. Ao contrário, reveste-se de certa conotação discriminatória, como os citadinos se referiam aos homens do campo, deixando transparecer algum desprezo.

Mas Morais era assim, um homem do campo. Um dos povoadores das lides campeiras na campanha gaúcha. Homem pobre, sem moradia fixa, vivia de estância em estância e gente assim é chamada de “*tiatino*”, ou sem destino. Gaúcho que não tolera patrão. Presta seu serviço e vai embora sem avisar. É comum aparecer gente assim nas fazendas. Em geral, são bons laçadores, entendem de gado, lidam com trator, fazem colheitas, cortam lenha, tratam bem com as abelhas, acompanham-se de velhos cães, conhecem e domam cavalos, mas não ficam mais de trinta dias e já encilham seu pingo e pegam à estrada. São homens sem lar, sem filhos, sem mulher, mas são homens que não roubam, não matam, são respeitadores. Comem qualquer coisa que lhes dão e são sempre muito gratos. As roupas que usam, geralmente, lhes são dadas pelos patrões. Seu cavalo, esse sim, é bem encilhado, bem domado e com todos os apetrechos necessários a uma viagem longa. Essa era a vida de Morais, um gaúcho gaudério.

Tinha sessenta anos, mestiço, filho de pai branco e mãe preta, careca, usava bigode e cavanhaque para compensar o cabelo que não tinha. Não tirava as botas e as bombachas por nada, essas sim, até dormia com elas. Pela energia e desprendimento, nem parecia um homem na terceira idade. Não interessava o tempo, saía para fazer seu serviço na maior naturalidade e costumava rezingar:

— São uns guris de “bosta”. Tem medo de chuva e de sol. Se tiver que fazer, vamos fazer!

Assim era o Morais, um “*taura*” disposto e resoluto.

Mas Morais gostava de falar e como falava. Contava coisas com graça, às vezes irônico, outras vezes rindo. Era conhecido nas fazendas como um filósofo campeiro, dizia coisas que as pessoas não sabiam de onde tirava, pois era um semianalfabeto. Respondia a todas as perguntas com a maior calma, didaticamente, às vezes, e falava até demais:

— Até os 21 anos, fui cangaceiro no nordeste. Matei muita gente naquelas bandas. Ganchei muito dinheiro matando jagunço. Só que tive de fugir, por que os coronéis não me pagavam o prometido e, depois de algumas mortes, matam a gente para não pagar. Não sou bobo *seu*, sabia que seria o próximo. Mas que matei, isso sim, matei muitos.

Às vezes, interromper uma conversa era sua especialidade, só para contar vantagens:

— Já fui preso muitas vezes, mas presídio não me segurava não. Estes funcionários são incompetentes e corruptos, dava uns troquinhos, saía à noite e desaparecia.

— Mas o que você fazia nos presídios, trabalhava?

— Eu trabalhar pro Estado? Tá louco! Se me prendiam, tinham que me sustentar.

— Mas se relacionava bem com os presos. Não é?

— Muito bem. Eles conhecem cara como eu, não tenho nada a perder. Se me incomodassem, sentava o pau neles.

— Mas e a falta de mulher na cadeia, como você resolvia isso? Foi casado?

— Ora eu dava e comia também, ora. Isso faz parte de saber viver. Mas casar é burrice. É trocar a admiração de várias *percantas*, pela crítica de uma só, ora —E continuava:

— Se você analisar bem verá que a mulher é como uma tradução de um livro: as boas não são fáceis e as fiéis não são boas. — Ria.

Morais era assim, não escondia nada. Falava o que achava certo, virava as costas e saía assobiando uma canção gaúcha.

— Mulher é bom, né?

— Bom pra você, então. Pra mim, jamais. Odeio mulher. Até a mãe de Cristo “*puteou*”. Me diga: José foi o pai de Cristo? Não, não é? Pois era o marido de Maria, seu. Por isso não tolero mulher em minha vida. Só serve para chatear, incomodar. Mulher é do diabo, seu. E o pior: toda mulher lhe leva uma sogra. E sogra é como onça do mato, todos temos que preservar, mas ninguém quer ter em casa. O sexo é um remédio. Faço sempre e diariamente. Quando quero me satisfazer, dar uma acabada, tenho minha égua que há muitos anos me acompanha nas barrancas dos campos e encostas de açudes. Quebra o galho, seu. Assim, não me incomodo com queixas femininas, exigências e nem filhos que são uma praga na vida dos seres humanos. Odeio filhos. Mas adoro as crianças.

— Já notei que você não gosta de transar.

— Veja bem: transar é arte, gozar faz parte, engravidar é moda, assumir é que é foda — ria, como louco.

— Qual a diferença, então, de um homem e uma mulher, na sua versão?

— Bem fácil: O homem carrega um pau no meio das pernas e é sempre o “mesmo”. Já elas, são “vários” — Ria.

— Você se acha bonito, Moraes?

— Vocês é que devem dizer. Odeio espelho. Nunca me vejo. Mas homem feio é igual à ventania.

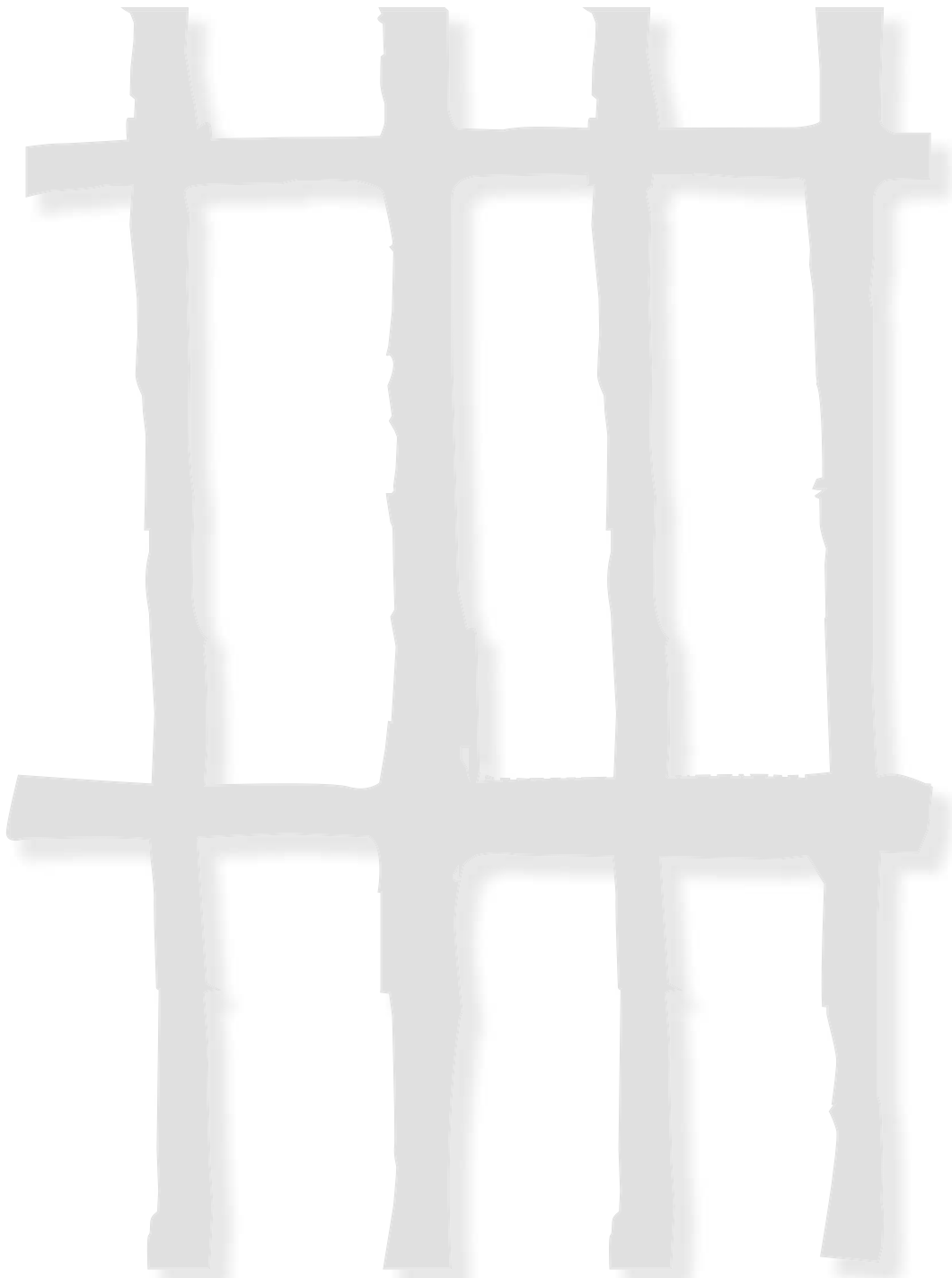
— Como assim? Explique melhor.

— Só quebra galho — ria.

— Como você se sente aos sessenta anos?

— Como um recém-nascido, ora bolas.

— Explique.



## Amor, crime e castigo

Há muito poucas mulheres com as quais seria impossível pensar em passar a vida, porque as necessidades de cada um mudam e as da mulher também. A união é um tormento, a menos que seja encarada com bom senso e maturidade por ambas as partes. Acho, porém, que os homens, a tal respeito, são tão ilógicos quanto às mulheres e, além disso, de uma vaidade incrível! É porque pomos tanto sentimento num ato natural e tão simples, que acabam resultando aborrecimentos. Os homens são injustos em tudo o que dizem respeito às mulheres. Todos os homens acham, por exemplo, que uma mulher não deve enganar o companheiro, e, ao mesmo tempo em que ela se mostra amante e tome outro em segredo por prazer e diversão. O homem considera isso, e com razão, uma traição infame por ferir a sua vaidade e atacar seu prestígio pessoal. Mas o lado ilógico é que ele não hesitaria em praticar a mesma coisa e nunca veria em sua conduta uma traição. Porque o Criador o dotou, felizmente, de uma pele de rinoceronte que lhe permite não sentir as ferroadas da consciência, quando examina os próprios atos em relação ao outro sexo.

Mas aqui, nesta história, foi exatamente o contrário o que aconteceu. Nívea Maria é quem traía seu parceiro com Caco Nunes, seu professor de violão.

### A história - ela

Nívea era magra, esbelta, loira de cabelos longos e lisos, rosto já com vincos de uma mulher de 38 anos, mas olhar vivo, esperto e alegre. Adorava música e queria aprender violão. Foi indicada a procurar Caco, como professor. Era casada com Fernando, 40 anos, gordo e baixinho, mas muito simpático e alegre. Ele exercia, há quase 20 anos, a função de bancário, agora na chefia como gerente de uma rede privada de prestígio. Nívea Maria tinha uma vida tranquila, com muitas amigas e muitas festas na pequena cidade de 100 mil habitantes no norte-oeste do estado, conhecido como Noroeste. Era feliz, embora achasse enfadonha a vida de casada. A rotina da vida a dois era premiada com o nascimento de sua filha, Maria Cristina, agora já com 12 anos. — Porra,- pensou ela, – 13 anos de casada e minha vida é um marasmo sem fim – Ligou para uma amiga reclamando da vida: – Oi Judith! Hoje estou naqueles dias. Pensando na vida.

— Mas o que te aflige, Nívea? Tens tudo o que uma mulher sempre sonhou.

— Não. Não tenho, não. Sinto que me falta algo para agitar minha vida. Preciso sacudi-la. Você sabia que os homens se julgam deuses? Eles chegam à hora que querem em casa, saem e nem avisam. Nunca nos dão a mesma chance. Quem sabe o que faríamos? Tudo isso leva a um letreiro “as mulheres são fracas, inconsequentes e irresponsáveis. Os homens são valentes, judiciosos e dignos de confiança?”. Balela na maioria das vezes. Você acredita que o Fernando é fiel a mim, Judith? Você acredita? Com tanta mulher em volta dele?

— Não sei não, amiga. Mas ele é tão atencioso com você e adora a Cristininha.

— É isso mesmo, Judy. Não tem homem fiel. Não pense que as atenções dele me enganam. Nem imaginas as cantadas que leva no banco! – Falou e se despediu de Judith, deixando esta preocupada com a conversa.

Pela manhã, apareceu no seu apartamento o professor de violão Caco Nunes. Porte atlético, mas magro e alto, um metro e oitenta, narigudo – mas um nariz que sentava com seu tamanho e forma física – cabelos levemente ondulados e bem curtos, muito bem aparados. Barba bem feita e... bem... cheiroso também. Vestia um terno azul, com camisa aberta no peito e carregava um violão numa sacola preta. Homem de 30 anos, educado nos melhores colégios da cidade e de família tradicional no meio militar. Seu pai era um general aposentado. Caco dava aulas para evitar pedir dinheiro ao pai, já que na idade que tinha não se formara em nenhum curso superior e estava na maioria do tempo desempregado, contando sempre com ajuda da mãe Marieta, que, às escondidas, sempre alcançava algum dinheirinho para o filho e mesmo de uma irmã, bem casada, que também lhe dava uns trocos semanalmente.

No outro dia, pela manhã, recebeu uma ligação de Judith, que ainda preocupada lhe cobrava: — Oi Nívea, como estás? — Bem, Judy, hoje levantei bem. À tarde começam as aulas de violão. Adorei o professor. Me pareceu muito competente ao me alertar das dificuldades que terei no início com o manejo dos dedos e a sintonia entre aos mãos. Acho que vou conseguir. — Que ótimo, Ni! Você vai adorar!

## A história - ele

O poder, o dinheiro e o sexo sempre foram os principais fins do homem. Caco não seria diferente. Olhou encantado para sua futura aluna e sua mente regozijava-se pelo achado.

— Bah que mulher! Vou caprichar para chamar a atenção dela. É muito linda! -Confidenciou a si próprio. Era um homem pertinaz, ativo e de boa índole. Mas, nem por isso, seria puritano a ponto de desprezar essa beleza que se avizinhava para seus encantos. Estava sem namorada, sem mulher, o que significava dizer que precisava de uma para saciar seus instintos. Mas não iria forçar nada. Não era seu tipo, pois zelava pelo respeito. Mas ficaria atento a qualquer olhar, palavra ou gesto que indicasse alguma aproximação ou flerte.

É sabido que um homem capaz, ativo e bom, dá à sociedade muito mais do que lhe toma e é por isso considerado um valor econômico. Ao contrário, um inválido de corpo e de espírito, assim como um perverso, toma ao conjunto mais do que lhe dá, constituindo assim não apenas um não-valor, como ainda um déficit econômico.

Aqui nenhum tinha grande valor, pois se valiam de seus pares mais próximos para viverem bem.

## O namoro

Um dia, diga-se, um péssimo dia, a atenção do professor foi desviada as pernas da aluna, que as deixavam descobertas. Aproveitando do manejo do violão, pegou a mão da aluna e, apertando-a, sobreveio-lhe um vermelhão nas faces que a fez estremecer. Sem, contudo, passar despercebido, o professor insistiu no tato que já eram carícias nas mãos. Passou aos braços e logo a uma coxa. O corpo de Nívea Maria estremeceu e sua boca abriu-se, volup-



## “Tijolo”

— Existem pessoas com os mais variados apelidos, mas tijolo já é demais! – Gritou Tavares.

— De onde pegaste este apelido? – Perguntou Marcio Tavares, ao preso na sua frente.

— Ora, só porque roubei uma carga de tijolos do seu Evandro. Meu nome é Ariosto Muller. – Completou.

Foi daí que Tavares começou a ler a Carta de Guia do preso, já condenado, que estava na sua frente e diziam ser chamado pela alcunha de “Tijolo”.

“Tijolo” havia enganado nada mais, nada menos, que *seu* Evandro, um próspero comerciante da cidade, homem muito esperto, que financiava campanha de políticos para livrar-se de impostos nos muitos terrenos e propriedades que possuía.

Mas como fizera isso, logo ele, uma pessoa insignificante, pobre e humilde cidadão?

Vejamos como foi:

Tijolo andava pelas cercanias da cidade e, passando por uma avenida, frente a um depósito de areia, cimento e tijolos, ouviu o seguinte diálogo:

— Oi Turra, avisa o *seu* Evandro que acabou o tijolo e tem muita gente procurando.

— Ok, vou lá agora e vou avisar.

O Turra saiu a pé e Tijolo foi no encalço dele. Viu quando este entrou na ferragem do Evandro e depois saiu. Pensou: – É esse, Evandro, deve ser o dono desta ferragem. Chegou e perguntou a um vendedor:

### O golpe

— *Seu* Evandro está?

— Está. A quem devo anunciar?

— Sou Ariosto, tenho uma olaria e vendo tijolos e soube que ele está precisando comprar.

— Boa tarde. Às suas ordens, *seu* Ariosto. Tem muitos tijolos? – Perguntou *seu* Evandro.

— Sim, tenho um caminhão que está sendo lotado hoje à noite e amanhã posso entregar, depois do meio dia, pois o caminhão é velho e está com um probleminha no arranque. Pode ser?

— Calma! Qual o valor do milheiro, Ariosto?

— Vendo bem barato e é tijolo do bom, bem queimado. Por 80 o milheiro.

— Tá caro. Compro por 65 colocado. Mas todo caminhão dá quantos mil?

— Dá 10 mil unidades e faço então por 600 colocado. Não posso baixar mais.

— Tem uma mostra? – Falou Evandro.

— Está aqui. – E Ariosto desembrolhou um tijolo que tinha achado no caminho para lá.

— Bom, se for todo assim, pode entregar amanhã e passe aqui para receber à vista.

— Ok, mas o senhor não pode me adiantar um pouco. Preciso pagar a oficina?

— Nada disso. Me entregue, que pago. O mecânico deve ser teu conhecido – Falou Evandro, mostrando ser um homem prevenido e esperto.

No outro dia, eram 12h15min quando Tijolo entrou na loja já fechando as portas e foi direto para o gabinete de *seu* Evandro:

— Ufa, ainda bem que lhe peguei aqui. Conseguimos descarregar tudo, veja o estado que estou? – E mostrava suas mãos, corpo e roupas toda empoeirada de tijolos.

— Muito bem, vou ligar para o pessoal me confirmar o recebimento e já lhe pago.

Evandro tentou ligar, ninguém atendeu. Menosprezou a sagacidade de Ariosto que já sabia que às 12 horas eles fechavam o depósito e era sábado. Agora, só segunda-feira, Evandro saberia do tijolo.

— Pois bem, amigo, não pude falar com meu pessoal lá, mas vou te pagar a metade e a outra metade, passa segunda-feira para receber.

— Doutor, não faça isso, preciso pagar gasolina, mecânico, empregado e estou ruim de grana. Contava com essas seiscentas pilas. Por isso baixei o valor, por necessidade mesmo. Tenha dó. Segunda não posso estar aqui, tenho uma entrega longe daqui. Por favor.

— Tá bem. – concordou Evandro, dirigindo-se ao cofre, onde retirou o dinheiro, contou e deu a Ariosto que se mandou dali o mais depressa possível.

## O segundo golpe

Foi assim que este infeliz enganou um dos homens mais espertos da cidade, um próspero e velho comerciante, muito respeitado pelo dinheiro que tinha e por sua fama de namorado e garanhão.

Mas não ficaram por aí, as espertezas do Ariosto, que era um sujeito baixinho, troncudo, meio gordinho, cabelo escovinha bem baixinho, falava com a língua entre os dentes e não falava muito. Era quieto e trabalhador. Aos domingos, vinha uma tropilha de filhos lhe visitar, de oito, seis, quatro e dois anos e duas mulheres os conduziam, sempre em horários separados. Depois, descobriu-se que ele tinha duas mulheres e que cada uma tinha dois filhos com ele.

As pessoas tinham pena dele, com tantos filhos pequenos, ali, preso. Logo por que furta-ra de *seu* Evandro, um homem abastado e cuja fortuna pairavam muitas dúvidas de sua legitimidade honesta. Mas Ariosto era pobre e pobre tem que ser preso. É bandido. É perigoso.

— Deu na rádio que um filho do “Tijolo” foi acidentado e está mal no hospital – Falou um preso que limpava os corredores do presídio, louco de pena do “Tijolo”.

— Ele está acabado, chorando muito – Disse outro preso que esteve com ele na cela.

— Pó, *seu* Marcio, a rádio acabou de anunciar que o filho do seu tijolo morreu agora. – Falou um Policial Militar.



# 10

## O diretor

O trem estava atrasado, como de costume. Era uma sexta-feira de abril de 1970. Faltava pouco para as quatro horas da tarde, quando Antenor Silva saltou do trem na estação da cidade de Cacequi. À primeira vista, embora o dia não apresentasse características climáticas bem definidas no resto da cidade, ali, incontestavelmente, era outono.

Antenor era um homem baixo. Considerando a robustez de seu corpo, digamos, de estatura mediana, ombros largos, como um jogador de vôlei, pescoço curto e grosso. O cós da sua calça seguia uma ampla circunferência. O seu rosto vermelho, rígido e nodoso, lembrava a um russo cheio de vodka. Era uma fisionomia enigmática, indecifrável, cuja expressão normal podia ser, ao mesmo tempo, rude e delicadamente sensível, séria e astuciosa. A boca era pequena, de lábios finos, ajustados um ao outro como as peças de um móvel bem feito, dir-se-ia, um corte reto, num dos cantos, porém, o traço horizontal descaía levemente, como se Antenor fumasse cachimbo ou cigarrilha. Parecia disfarçar um sorriso forçado, impróprio da sua seriedade e da sua profissão. Por cima da testa, uma cabeleira loira, mais para a cor palha do que amarela. O nariz era curto e reto, como de um leão, mas um leão de boa vida. Os olhos rodeados duma fina trama de ruguinhas, pequenos, mas brilhantes e muito azuis, apresentavam uma anomalia, em consequência, talvez, de alguma enfermidade ou, simplesmente, pelo peso dos óculos que ostentava no rosto que estava, no mínimo, na casa dos cinquenta. Uma das sobrancelhas, também palha, descia abaixo da outra. Da face direita, Antenor olhava misteriosa e confidencialmente, num perpétuo piscar de pálpebra. O olhar da vista esquerda era aristocrático e soberbo, muito largo para a cavidade que lhe dilatasse a órbita. O outro olho, bem esse era de cristal. Sim era de vidro mesmo! Quando ele falava, uma expressão de benevolência e malícia luzia-lhe no olhar e mal sorria todas as facetas de seu rosto brilhavam de satisfação. Não era ele um poeta e, tampouco, pertencia a alguma família de ilustres que chegava à cidade para algum negócio. Era isso, sim, uma grande incógnita.

Apoiando seu pé grande em demasia, pelo tamanho de seu corpo no gradil de ferro e, apertando o olho claro por causa da claridade, ele apreciou o ambiente sossegado da cidadezinha, tendo no rosto esguio e moreno claro uma expressão alerta. Firmou o pé numa das barras do gradil para recostar-se mais confortavelmente, exibindo uma postura de homem decidido e que viera com uma missão especial de trabalho, nomeado pelo governo estadual.

Do outro lado da ferrovia, cruzando a gare, as pastagens cercadas estendiam-se até uma estrada que cortava a cidade. Ora, era agradável aquela coloração de ferro e verde se misturarem no horizonte. Trens, vagões e campo com gado. Ali se respira ar puro! Uma campina se estendia entre os trilhos ou os trilhos entre elas. Perto dos trilhos, numa larga extensão, corria uma estrada empoeirada levando o pó para dentro das casas e dos carros que, descuidadamente, deixavam as janelas abertas.

Afastou o pé do gradil de ferro pintado e liso e se dirigiu à calçada irregular, onde dezenas de passageiros se dirigiam, e cruzou um túnel para se proteger do movimento de carros que, àquela hora acudiam à estação. Alguns eram táxis que ofereciam seus serviços aos passageiros que chegavam, outros eram amigos e parentes que vinham buscar o viajante. Mas a maioria eram carros de passeios, com jovens que passeavam, porque ali era o passeio principal da idade, onde afluíam para saberem quem chegava e quem viajava, pois o trem continuava sua trajetória célere.

Olhou ansiosamente ao redor para ver se alguém o procurava, mas vislumbrou apenas um rapazinho esguio de bicicleta. Tinha os olhos voltados para o seu lado. A não ser este, ficou certo que não havia mais ninguém à sua espera. Logo em seguida ouviu um apito e ficou sabendo, em seguida, que o trem se movimentava e seguia seu caminho. A estação esvaziara de repente e foi aí que, vendo novamente o jovem, dirigiu-se a ele:

— Boa tarde, jovem, você é daqui?

— Sou e o senhor é viajante?

— Não. Vim trabalhar aqui. Onde fica o presídio da cidade?

— Ora, bem pertinho, ali atrás – E apontou para uma rua que ele deveria dobrar e seguir uma quadra. Ficava na esquina.

— Obrigado, gurizinho, sendo assim nem pego táxi. Vou a pé – Completou Antenor, agarrado em duas malas de *corvim*.

Quando ia, vislumbrou as paisagens da cidade e se surpreendeu ao saber que uma casa penal ficava ali, bem no centro da cidade. Ninguém lhe havia falado nisso e sua curiosidade era aguçada para observar que as ruas não eram calçadas, mas bem delineadas, protegidas por uma camada fina de areia média. O governo estava lhe pondo à prova ao indicar-lhe importante cargo e deveria ter todo cuidado, pois sabia que um tenente que comandava a Polícia Militar gostava de se intrometer na administração do presídio.

Já na esquina vislumbrou um velho casarão que se estendia por toda a quadra. Pintado de amarelo e portas e janelas marrom. Tinha uma cerca de tela e uma guarita bem na entrada, que dava a um pátio que circundava a entrada principal do estabelecimento penal. Já sabia que a população carcerária era de 20 homens e uma mulher e dois menores em regime especial. Tinha também consigo o endereço e nome de todos os fornecedores de gêneros alimentícios que ganharam a última concorrência pública para fornecimento de alimento aos presos e funcionários de serviço.

— Boa tarde – Disse ao guarda que estava de plantão na frente da guarita.

— Boa tarde. O que o senhor deseja?

— Sou o novo diretor, O *Sen Floriano* está? – Perguntou Antenor se referindo ao colega que ele iria substituir e que deveria estar lhe esperando para a posse.

— Sim. Está. Passe ali, naquela porta – Respondeu o guarda com atenção e mostrando-se solícito e gentil com o novo diretor.

Uma porta se abriu e de lá saiu um senhor alto, gordo, de chapéu de palha bege na cabeça. Tinha um sorriso largo. Aparentava mais de cinquenta anos, mas seus cabelos já eram brancos. Tez morena, como um índio, quase preta, que gritou:



## O incendiário

*Incendiário ou piromaniaco vem de piromania que é um comportamento que a pessoa passa a ter de atear fogo propositalmente com alguma intenção. Esse comportamento levanta questionamentos de ser ou não ser um transtorno mental.*

*Uma pessoa piromaniaca tem fascínio pelo fogo, sente curiosidade e atração sobre circunstâncias relacionadas ao fogo, sente prazer por incendiar. Essa pessoa pode passar um longo tempo sem atear fogo, mas existe a predisposição de praticar tal ato.*

*Devido à falta de estudos sobre a piromania, não se sabe ao certo o que leva uma pessoa a sentir desejo e prazer de atirar fogo em objetos ou pessoas. Sabe-se que o piromaniaco incendeia algo quando está em estado de tensão e após atear fogo sente prazer extremo. Ele não segue regras, como um paranoico.*

*Normalmente, a piromania está ligada a adultos com personalidade antissocial, suspeitos de transtornos mentais, esquizofrênicos, usuários de álcool e drogas, transtornos de conduta e transtornos mentais orgânicos.*

*Piromaniaco não está capitulado no CPB, mas nos Crimes Contra a Incolumidade Pública, de Perigo Comum, está o Incêndio, art. 250 e 251 CPB. (fonte: Google).*

Adalberto Silva, o “Beto”, era um piromaniaco desde criança. Ainda na tenra idade, adorava fogo, gostava de mexer na lareira, fascinava-se vendo o fogo, também no fogão à lenha. Tinha um prazer estranho e fascínio exaltado em fazer fogo sempre que necessário ou não. Quando se aproximava o mês de junho e as festas de São João, aí ele chegava ao auge. Já crescido, organizava as festas de São João com requintes de artista: pulava a fogueira, caminhava nas brasas, com fogueiras memoráveis. As pessoas ficavam boquiabertas com a organização do Beto nessas ocasiões. Tudo que se relacionava ao fogo era com ele. Alguns diziam:

— Quando este guri crescer vai ser bombeiro.

— Que nada! Bombeiro, o Beto? Mas ele gosta é de fogo e não apagar fogo — contrariavam outros.

Beto foi crescendo, não pôde ser bombeiro ou não quis. Mas sua vida seria ligada sempre a esse mister: o fogo.

Todos conhecem a bomba Molotov, que tem esse nome ligado a coisas de terroristas russos. Parece nome de vodka, mas não é. É isso sim, um engenho tétrico que piromaniacos adoram fazer, enchendo uma garrafa de gasolina e no gargalo colocando estopa na ponta. Quando jogada, quebra e espalha gasolina que logo pega fogo. É uma bomba incendiária.

Certo dia, senhor Madeira entra na casa com uma garrafa dessas.

— Para que serve isso? — Perguntou seu empregado, o Peri.

— É um treco que o Beto fez para mim, mas é ele que vai jogar. Disse que não é serviço para qualquer um, precisa ser feito por especialista.

— Mas aonde vai jogá-la?

— Tu sabes que eu e o Beto somos sócios. Compramos umas madeiras e o comerciante, um sacana, além de nos cobrar uma barbaridade pelo frete ainda nos sacaneou no banco descontando nosso cheque antes do prazo, estourando nossa conta. Ele vai ver agora o que é bom pra tosse. O Beto vai incendiar a madeireira dele.

Vou deixar aqui nesse armário com um bilhete para ele, quando chegar entregue a ele. Não esqueça.

— Mas, patrão, isso é crime dos brabos...

— Pior do que ele fez conosco? Que direito nós temos? Reclamar para quem? Nós é que demos o cheque pré. Ninguém vai acreditar em nós. O Beto está certo. Vamos detonar o canalha, assim ele aprende.

Lá pelas dez horas, chegou o Beto pedindo a garrafa. Peri mostrou-lhe o bilhete que ele guardou no bolso de trás da calça jeans, para não deixar nenhuma prova ali. Estava com um capote e colocou aquele embrulho pronto no bolso de fora da vestimenta. Levantando a cabeça, com um sorriso enigmático, sumiu na escuridão dirigindo a moto do Peri que estava guardada, cheia de multas. Sabia ele que este veículo não é o mais discreto para este tipo de tarefa. Tirou as placas, mas era o que melhor tinha para se esquivar do trânsito e penetrar em pequenos lugares e ainda com uma velocidade compensadora. Era tarde da noite, quase ninguém na rua àquela hora.

Estacionou a uma quadra da madeireira, que, na verdade, não vendia só madeira, vendiam todo tipo de material de construção. Estacionou a uma quadra longe. Voltou a pé, carregando aquela bomba incendiária bem camuflada, silenciosamente, sob um chapéu largo e aquele capote preto, com aquele volume tétrico no bolso. Caminhava a passos largos, cuidando todo movimento da rua. Era um profissional e iria caprichar naquela tentativa para levar seu trabalho a bom termo. Era o mínimo que esperavam dele. Iria acabar com esse canalha do Alvino.

Após uns vinte e cinco minutos o corpanzil do Beto, que pesava uns cem quilos em seus 1,85 metros de altura, arqueou-se sobre o dorso do muro e deslizou para dentro do terreno. Já passava da meia noite. Sussurrou um palavrão, ao pisar numa poça de lama, bem a baixo do muro onde caiu. Olhou com raiva para todos os lados, esperou para acostumar a visão e ver algum movimento no escuro. Meteu a mão no bolso do paletó, desembulhou a garrafa, acorou-se contra a parede e, com o isqueiro, acendeu a mecha de algodão acobertado por um monte de tijolos, evitando que alguém visse o clarão. Aproximou-se mais da loja, viu a vidraça do basculante do escritório, chegou bem perto, jogou com força a bomba contra a vidraça do escritório da madeireira e não esperou ver o resultado. Correu para o muro, cuidou a possa de lama, passou pelo lado. Ia pular o muro e ouviu que vinha gente passando do outro lado, conversando e rindo. Resolveu ir por entre os tijolos, areias e britas circundando o muro para conseguir um lugar que ninguém o visse. Não olhou para trás. Iria saborear seu engenho no outro dia, lendo as notícias nos jornais, ouvindo os comentários das pessoas. Aquilo o excitava. Mas, na sua correria para encontrar um lugar seguro